



CCB

ENCICLOPÉDIA DA VIDA SEXUAL DE PEDRO GIL

26 A 30 MAR 25

**ARTES
PERFORMATIVAS
E PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Teatro

Pequeno Auditório

Qua e Sex, 20h / Sáb, 19h / Dom, 17h00

M/16

Dia Mundial do Teatro, dia 27

Qui, 11h (sessão escolar) / 20h (público em geral)

***Enciclopédia da Vida Sexual* de Pedro Gil**

Texto e encenação **Pedro Gil**

Em cocriação com os intérpretes

Interpretação **Ana Isabel Arinto, Danilo Da Matta, Diogo Andrade,**

Katrin Kaasa, Mário Coelho, Pedro Gil, Raquel Castro, Sara Inês Gigante
e **Tânia Alves** (voz off)

Estúdio de criação **Paulo Pinto**

Cenografia **Joana Subtil**

Execução de arte **Rui Gueifão**

Luz **Daniel Worm**

Figurinos **Catarina Graça**

Costureira **Rosário Balbi**

Fotografia de ensaio e *teasers* **João Gambino**

Edição áudio **Miguel Caldeira**

Apoio à encenação **Marta Reis Jardim**

Direção de produção e apoio coreográfico **Ana Gusmão**

Gestão e administração **Mariana Venes**

Produção **Razões Pessoais**

Coprodução **Centro Cultural de Belém, Razões Pessoais**

A companhia Razões Pessoais é residente no espaço da Companhia Olga Roriz e é apoiada pela República Portuguesa – Cultura/Direção-Geral das Artes.

SINOPSE

Tinha prometido a si mesma que não voltaria a acontecer, mas aconteceu. Apaixonou-se de morte por um monogâmico convicto. Com receio de o perder, escondeu-lhe que não era monogâmica, traindo assim a sua própria família. Há momentos assim na vida, em que uma pessoa se vê obrigada a escolher.

Enciclopédia da Vida Sexual é a mais recente peça de artesanato cómica de Pedro Gil, depois de outras como *D. Juan Esfaqueado na Avenida da Liberdade*, *Inesquecível Professor* ou *Depois das Zebras*.

AS PERGUNTAS DIFÍCEIS E COMO LHE RESPONDER

(Pedro Gil à conversa consigo mesmo)

É sobre o quê? Ou, o que é que queres dizer com isto?

O mais provável é a pessoa querer comparar o que ela acha que é com o que tu achas que é, na esperança de que isso possa vir a ser profícuo. Pode também pressupor que a história veicula uma moral, que tu simpatizas com ela, e que ao fim do dia isso importa. As histórias não têm uma moral em si, estão à mercê do público, e contigo não é diferente. E como raramente a tua opinião e a do público coincidem, o teu objectivo é precisamente saber qual a resposta do público a essa mesma pergunta. Porque estás cheio de curiosidade. Sei que vai soar paternalista, mas como a tua opinião, de suposta autoridade na matéria, pode inibir a opinião do espectador menos emancipado, o meu conselho é obteres a resposta primeiro. O mais eficaz para isso é piscares o olho e contra-responderes «diz-me tu».

É político?

Parecida com a anterior, mas não confundas. Tanto pode pressupor que ser político é mau, panfletário, como pressupor que ser político é bom, transformador da sociedade, e que se não for político então é apenas

um exercício de estilo, entretenimento, enfim, inútil. O meu conselho é responderes que o poder da arte é incomensurável e que infelizmente não o controlas. Acrescenta que é político, tal como sonoro, palpável, branco, rosa, de madeira, bem cheiroso, ritmado, ficcional, palavroso, bem-disposto, tudo o que conseguires.

Quais as tuas influências? Ou, como te surgiu esta ideia?

Essa pergunta quer saber qual é aquela série, ou livro que estás a adaptar, muito provavelmente porque duvidam que tudo, por pior que seja, possa ter saído da tua cabecinha. Se de facto é um *remake* mais vale dizeres qual é a fonte, até porque o mais provável é tudo o que fazes ser uma recombinação do que já foi feito e inserir-se numa tradição. Se achas que destacar uma coisa seria injusto para tudo o que te influenciou, o melhor é dizeres, «sou tão, mas tão influenciável, que nem preciso de redes sociais, basta-me andar por aí, vivo».

É autobiográfico?

O meu conselho é responderes sempre que não, mesmo que seja a tua vida escarrapachada. Assim como assim, quem faz essa pergunta já vai estar à procura de ti por todo o lado, no que é dito, no que não é dito, até nos rótulos das garrafas. Esta resposta é também uma homenagem à imaginação, à possibilidade de que tudo possa ter sido fruto da imaginação de quem o fez. A imaginação já está carregadinha de real, não precisa de mais para chamariz. E sim, a imaginação é autobiográfica, mas pronto.

É uma comédia?

Importa aqui falares um pouco acerca do que é comédia para ti. Explica que para ti comédia não é um efeito, um som produzido pelo público, leia-se «gargalhada». Comédia é uma forma de representar o mundo. É o labirinto de espelhos da feira popular. São corredores de espelhos convexos e côncavos, coloridos e estilhaçados. Pode dar vontade de rir, mas também pode dar vontade de chorar, vomitar, pode ser assustador, belo... Porque à frente desse espelho estás tu. Explica que para ti quase tudo são comédias, a Guernica é comédia. O espelho perfeito não é comédia, até porque não tem graça alguma.

Como é escrever, encenar e entrar como actor?

No melhor dos casos essa pergunta pressupõe que é um feito extraordinário, como dizer «como é que não tens um AVC?». No pior dos casos, pode querer insinuar «há quem encene tão bem, porque não ficar pela escrita?» ou vice-versa, ou pior ainda, que tens sede de protagonismo.

Sugiro não dares parte de fraco e desmistificar «é normal, é como dar um jantar para amigos lá em casa e ficar para comer. Em vez de sair e ficar a assistir por videochamada do carro».

Tens um método de trabalho?

Responde sempre que não há um método, cada processo é diferente, até porque tu nunca és o mesmo. Revela alma de artista, cria mistério e fica implícito que não cristalizaste. Aqui convém também assumires que o teatro não se faz sozinho e fazeres uma seta para a ficha artística, não só porque é de bom tom, mas porque é verdade e que bom que assim é.

Porque é que fazem sempre tão poucas récitas?

Essa pergunta é normalmente feita por pessoas de fora do meio teatral e que, compreensivelmente, não percebem para quê tanto investimento financeiro, material, humano, ambiental para uma existência tão fugaz, qual borboleta. A sensação que fica depois da pergunta é «têm noção que estão a fazer teatro só para os vossos amigos?» De forma breve, até porque isto mexe muito contigo emocionalmente, deves dizer que a culpa é por um lado vossa, já deviam ter arranjado um teatro, e por outro, do governo português e de tantos mecenas, que ainda não vo-lo proporcionaram.

O que dirias para convencer o público a vir?

Se quiseses ser totalmente honesto, o máximo que podes dizer é «quem não arrisca não petisca».

Obrigado, Pedro.

Ora essa, Pedro, estou aqui para ti!

Pedro Gil

(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)



Razões Pessoais – Associação Cultural

A Razões Pessoais é uma companhia de teatro fundada em 2004, sediada em Lisboa, com direção artística de Pedro Gil e Raquel Castro e direção de produção de Ana Gusmão.

Miguel Castro Caldas é artista associado da companhia.

A Razões Pessoais é atualmente residente no espaço da Companhia Olga Roriz e apoiada pela DGArtes/Governo de Portugal.

www.razoespessoais.com

Pedro Gil

Autor e Encenador

Pedro Gil faz teatro desde 1999. Atua, escreve, encena, investiga e produz. Enquanto encenador destacam-se os espetáculos *Homem-Lenda* (2005), *Mona Lisa Show* (2008), *Às Vezes as Luzes Apagam-se* (2009), em cocriação com Cláudia Varejão, *Enquanto Vivermos* (2012), *Sala Vip* (2013) com texto de Jorge Silva Melo, *Fausta* (2014) com texto de Patrícia Portela e em cocriação com Tonan Quito, *Casa Vaga* (2015) com texto de Rui Pina Coelho e em cocriação com Gonçalo Amorim, Raquel Castro e Rui Pina Coelho, *Terreno Selvagem* (2016 e 2022) com texto de Miguel Castro Caldas e em cocriação com Miguel Castro Caldas e Raquel Castro, *Como Ela Morre* (2017) com texto de Tiago Rodrigues e em cocriação com Isabel Abreu, Frank Vercruyssen, Jolente de Keersmaecker da companhia Tg Stan e Tiago Rodrigues, *Don Juan Esfaqueado na Avenida da Liberdade* (2018), *O Inesquecível Professor* (2021) e *Depois das Zebbras* (2023). Enquanto ator trabalhou com os Artistas Unidos, O Bando, Francisco Salgado, Gonçalo Waddington, Jean-Paul Buchieri, Letizia Quintavalla (Teatro Delle Briciole, Parma, Itália), mala voadora, Marta Carreiras, Mickael de Oliveira, Miguel Loureiro, Mónica Calle, Nuno Cardoso, Pedro Saavedra, Rita Calçada Bastos, Romeu Costa, Rui Horta, Teatro Meridional e Tonan Quito, entre outros. Codirige a companhia Razões Pessoais.

JÁ A SEGUIR — TEATRO
23 ABRIL A 4 MAIO 2025

SE NÃO ÉS LÉSBICA, COMO É QUE TE CHAMAS?
DE ALICE AZEVEDO

Três lésbicas entram num bar, mas a questão de rótulos e identidades é central. Uma delas não gosta de guetos nem rótulos, preferindo apenas gostar de mulheres, sem mais. A partir da frase «Se não és lésbica, como te chamas?», inspirada num artigo de 1993, o espetáculo explora as palavras que têm descrito ou prescrito identidades ao longo do tempo. O espetáculo faz uma viagem pela literatura lésbica, traçando uma história das palavras e da sua ausência, questionando identidades, orgulho, vergonha e a importância de conhecer a história das lésbicas e do próprio país.

Terça a Sexta, 20h
Sábado, 19h
Domingo, 17h00
Black Box
M/16

Coprodução **Causas Comuns, Teatro do Bairro Alto**



Acessibilidade:

Sessão de 4 de maio
com interpretação em Língua Gestual Portuguesa

APOIO INSTITUCIONAL

PARCEIRO INSTITUCIONAL

PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025